

Hanna Levy e a exposição-reação da Galeria Askanasy¹

ALINE ALESSANDRA ZIMMER DA PAZ PEREIRA

Graduanda do Bacharelado em História da Arte na
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RESUMO

Esta pesquisa investiga as relações entre a historiadora da arte Hanna Levy e a Galeria Askanasy. Hanna Levy, nascida na Alemanha e de origem judia, veio para o Brasil no final da década de 1930, onde atuou no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Também contribuiu com o catálogo da *Exposição de Arte Condenada pelo III Reich* da Galeria Askanasy, realizada em 1945 no Rio de Janeiro como uma reação à *Exposição de Arte Degenerada* que ocorreu em Munique em 1937.

Palavras-chave: Hanna Levy; Galeria Askanasy; arte moderna; arte degenerada.

ABSTRACT

This research investigates relations between historian of art Hanna Levy and Askanasy Gallery. Hanna Levy, born on Germany from a Jewish family, came to Brazil in the end of 1930s, where worked at National Historical and Artistic Heritage Service - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). She contributed to the catalogue of *Exhibition of Condemned Art by III Reich* of Askanasy Gallery, realized in 1945 on Rio de Janeiro like a reaction to *Degenerate Art Exhibition* that occurred in Munich in 1937.

Keywords: Hanna Levy; Askanasy Gallery; modern art; degenerate art.

HANNA LEVY

A historiadora da arte Hanna Levy (1912–1984) era judia e marxista. A Alemanha de Hitler certamente não era um lugar seguro para pessoas com características como essas. Para contextualizar brevemente a ascensão nazista, podemos dizer que a derrota na Primeira Guerra Mundial (1914–1918), as penalidades impostas pelo Tratado de Versalhes e posteriormente a crise de 1929 contribuíram para a criação de um colapso social na República de Weimar (1919–1933), um ambiente de desemprego e o sentimento de humilhação. Ideias de extrema-direita apontavam como inimigos da pátria judeus e comunistas; a ascensão de figuras carismáticas e raivosas como Adolf Hitler prometia o restabelecimento da Alemanha como potência. Diversas pesquisas acadêmicas, documentários e outras publicações contextualizam esse período de forma muito mais abrangente. Nos limites deste artigo, é preciso dizer que a propagação dos ideais nazistas fez com que muitos intelectuais alemães na década de 1930 precisassem deixar o país natal para prosseguir o curso da vida. O mesmo se deu com Hanna Levy.

Nascida em 28 de Setembro de 1912 na cidade de Osnabrück, Hanna Levy foi educada numa família de situação financeira bastante confortável, proporcionada pela fábrica de roupas do pai Leo Levy. Logo na infância demonstra interesse por arte, incentivada pela mãe Zilla Levy. É assim que ela prossegue estudos em Filosofia,

1.

Este artigo é resultado da pesquisa de iniciação científica (PIBIC-CNPq) *Hanna Levy e a Galeria Askanasy*, desenvolvida entre 2015 e 2016 como parte do projeto *Hanna Levy Deinhard: Sua Teoria, Seus Predecessores*, coordenado pela Profa. Dra. Daniela Pinheiro Machado Kern.

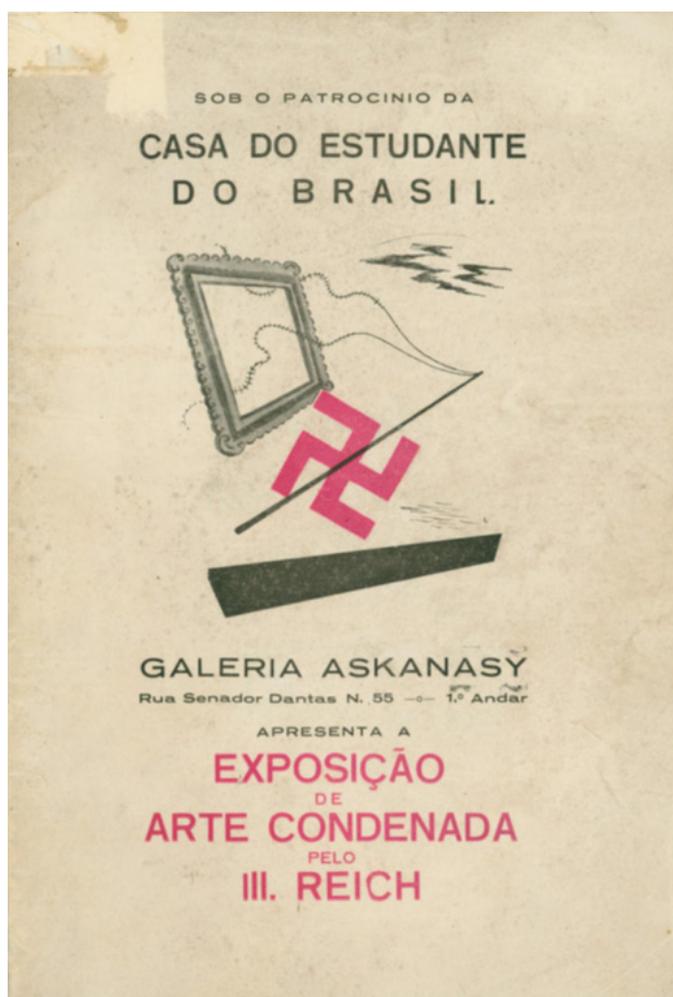


FIGURA 1

Capa do catálogo da *Exposição de Arte Condenada pelo III Reich*, realizada pela Galeria Askanasy no Rio de Janeiro em 1945

Germanística e História da Arte na Universidade de Munique (NAKAMUTA, 2010, p. 22 e 23).

O crescimento da adesão às ideias do Partido Nazista gera um ambiente inseguro e força o deslocamento de quem na época conseguia fazê-lo. No ano de 1933, em que Adolf Hitler ocupa o cargo de chanceler da República de Weimar, Hanna Levy segue para Paris, onde conclui o doutorado na Sorbonne, com a tese *Henri Wölfflin: sa théorie, ses prédécesseurs* (1936), orientada por Henri Focillon (1881–1943). A tese, ainda não traduzida para o português, foi fruto de muitas trocas com o historiador da arte e marxista Max Raphael (1889–1952), de quem Hanna Levy foi aluna. Nesta tese, ela critica a teoria formalista de Heinrich Wölfflin (1864–1945) e propõe a sociologia da arte como saída metodológica.

Com o auxílio de Max Horkheimer (1895–1973) e Friedrich Pollock (1894–1970), Hanna Levy desembarca no Brasil em 1937 com o companheiro, o violoncelista Fritz Deinhard. É pertinente atentar para o fato de que neste período havia no Brasil, no contexto do Estado Novo, a circular secreta 1127, que restringia a entrada de imigrantes de origem judia. No entanto, o planejamento da viagem dribla essa restrição.

Aqui, Hanna Levy sustentou-se como professora de tango durante um tempo e logo depois passa a trabalhar no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), órgão criado por Getúlio Vargas e vinculado ao Ministério da Educação. No SPHAN, Hanna Levy foi responsável também pela elaboração de um curso sobre História da Arte voltado aos funcionários do instituto, com duração de três anos. Durante as aulas, Hanna Levy abordava os quatro períodos da divisão clássica – arte pré-histórica, arte antiga, arte da Idade Média e arte da Idade Moderna – contextualizando-os social, política e geograficamente. Além de seu conhecimento como historiadora, utilizou o livro *História da Crítica de Arte* (1945), do historiador da arte italiano Lionello Venturi (1885–1961). Após o período em que ministrou o curso, ela compõe o grupo de pesquisa do SPHAN, estudando

sobre a produção artística no período colonial brasileiro e publicando diversos textos sobre seus resultados na Revista do Patrimônio. Entre eles, publicados na década de 1940, podemos citar *Valor artístico e valor histórico: importante problema da história da arte* (1940), *A propósito de três teorias sobre o Barroco* (1941) e *Modelos europeus na pintura colonial* (1944). Nesses artigos, Hanna Levy aborda questões teóricas da arte e, no último, através da comparação entre as obras, ela mostra os resultados da pesquisa ao apontar influências de gravuras europeias nas pinturas coloniais.

Fora da instituição, Hanna Levy escreveu textos sobre Cândido Portinari (1903–1962), Bruno Giorgi (1905–1993) e Roberto Burle Marx (1909–1994), todos artistas ligados ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) (KERN, 2016, p. 818). Ainda não há confirmação de que ela tenha se envolvido de forma mais estreita com o PCB, sendo esta uma questão que merece maior aprofundamento. Hanna Levy também contribuiu com o catálogo da *Exposição de Arte Condenada pelo III Reich* (1945) da Galeria Askanasy.

Em 1948 ela segue para os Estados Unidos, onde leciona na Escola Nova de Estudos Sociais de Nova Iorque (New Yorker New School for Social Research). Tempos depois o casal muda-se para Israel, país em que Fritz acaba falecendo. No fim dos anos 1950, Hanna Levy retorna aos Estados Unidos, trabalhando no Bard College e no Queen's College. A partir de 1978 vive em Basel, na Suíça, até o ano de sua morte em 1984.

A GALERIA ASKANASY

O polonês Miécio Askanasy, pseudônimo de Mieczyslaw Weiss (1911–1981), vivia na Áustria e atuava como militante antifascista. Fugindo da Gestapo, ele vem para o Brasil em 1939 seguido de seu companheiro Bruno Kreitner (1904–1972) (KERN, 2016, p. 814). No Brasil, o casal publica o livro *Depois de Hitler o Quê?* (1942), e ministra uma série de palestras na Associação Brasileira de Imprensa, como as palestras *Educação o Problema Básico*, *O Aristocratismo e o Socialismo*, Os

2.

Jornais e revistas que publicaram sobre a Galeria Askanasy (listados do maior para o menor número de ocorrências): *Diário de Notícias*, *A Noite*, *Diário Carioca*, *A Manhã*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, *Gazeta de Notícias*, *Revista da Semana*, *Diário da Noite*, *Letras e Artes*, *Carioca*, *O Cruzeiro*, *Autores e Livros*, *O Dia*, *Dom Casmurro* e *O Imparcial*.

problemas espirituais – arte, religião, filosofia. Mais tarde, em 1944, montam uma livraria que dá origem à Galeria Askanasy, um espaço permanente de exposições de arte moderna. A importância desta galeria se dá na medida em que foi um dos primeiros espaços de arte moderna antes da criação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), que aconteceu apenas quatro anos depois.

As informações sobre a Galeria Askanasy foram obtidas na consulta ao acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Em 16 jornais² publicados durante a década de 1940 no Rio de Janeiro foram encontradas 633 ocorrências do termo Askanasy (e mais 7 ocorrências que datam do início da década de 1950).

Alguns dos principais acontecimentos da Galeria, localizada na rua Senador Dantas, nº 55, no ano de sua inauguração, em 1944, estão as exposições de Bella Paes Leme (1910), Roger van Rogger (1914–1983), exposição de gravuras antigas, Karola Szilard (1901–1992), Martha Loutsch (1911), Madame Koré (?) e Maria Helena Vieira da Silva (1908–1992). No ano seguinte, além da exposição de Guilherme Botero (?) e de uma exposição coletiva, acontece a *Exposição de Arte Condenada pelo III Reich*, bem como exposições de Juliette Genoud (?), uma exposição de artistas cearenses, exposições com obras de Orlando Coelho (?), Ozere (1896–1976), HOB (H. O. Boehm) (?), exposição com reproduções de Vicent Van Gogh (1853–1890), Henri Matisse (1869–1954), Pablo Picasso (1881–1973) e exposição de Nina Hard (?). Em 1947, já instalada no endereço Presidente Wilson, nº 194, a Galeria Askanasy passa a vender pacotes de mantimentos com destino à Europa. Em 1948 a Galeria muda-se mais uma vez de endereço, para a Rua da Quitanda, nº 65, e neste ano realiza exposições de HOB e uma exposição intitulada *Brasil Histórico*. Em 1949, são expostas obras de Kandinsky (1866–1944) e Paul Klee (1879–1940), além de gravuras de Rembrandt (1606–1669) e Albrecht Dürer (1471–1528). Na década de 1950 há algumas exposições e o envolvimento de Miécio Askanasy em projetos de teatro folclórico.

A EXPOSIÇÃO DE ARTE CONDENADA PELO III REICH

Patrocinada pela Casa do Estudante do Brasil, é realizada em 1945 na Galeria Askanasy, a *Exposição de Arte Condenada pelo III Reich*, cujo catálogo contou com a contribuição de Hanna Levy. Na apresentação do catálogo, Miécio Askanasy cita a *Exposição de Arte Degenerada*, inaugurada pelos nazistas em 1937 na cidade de Munique, que visava desacreditar a produção artística das últimas cinco décadas, significando, de acordo com as palavras de Miécio Askanasy, uma verdadeira “esterilização” dos artistas.

A exposição na Galeria Askanasy, dessa mesma arte condenada pelos nazistas, tem um intuito celebrativo. Apresentando ao público brasileiro uma parte do patrimônio cultural da Europa, a exposição constituiu “um vivo protesto contra cada amordaçamento tirânico e reacionário da liberdade espiritual”³. A *Exposição de Arte Condenada pelo III Reich* da Galeria Askanasy é, assim, uma exposição-reação àquela exposição de “arte degenerada” promovida pelos nazistas.

O catálogo conta com um texto de autoria de Hanna Levy, intitulado *Aspectos da Arte Contemporâneos Alemã*, no qual ela apresenta os 39 artistas que fazem parte da exposição, salientando que não fazem parte de um grupo homogêneo, mas sim de diversos movimentos. Hanna Levy destaca ainda que a individualidade de cada artista foge às classificações gerais.

Nos parágrafos seguintes ela menciona os principais movimentos: o impressionismo alemão, representado na exposição por Max Liebermann (1847–1935), Lovis Corinth (1858–1925) e Max Slevogt (1868–1932); o grupo *A Ponte*, que reuniu artistas como Erich Heckel (1883–1970), Karl Schmidt-Rottluff (1884–1976), Ernst Ludwig Kirchner (1880–1938) e também Emil Nolde (1867–1956) e Max Pechstein (1881–1955); o grupo *Cavaleiro Azul*, composto por

3.

EXPOSIÇÃO DE ARTE CONDENADA PELO III REICH. Catálogo. Rio de Janeiro: Galeria Askanasy, 1945

4.

A tabela lista as obras mantendo o título que consta no catálogo da *Exposição de Arte Condenada pelo III Reich* (1945). Quando pertinente, apresenta entre parênteses o nome da/do proprietária/o da obra no ano da exposição, bem como sua localização atual, com o nome da instituição e cidade.

Franz Marc (1880–1916), August Macke (1887–1914), Wassily Kandinsky (1866–1944) e Paul Klee (1879–1940). Sobre os expressionistas, Hanna Levy comenta seu caráter trágico, acentuado após a guerra. Ao final, Hanna Levy afirma que todos, mesmo diferentes em seus temperamentos, meios, pensamentos e objetivos, possuem algo em comum, que é o fato de estarem convencidos de que “a força criadora do espírito constitui um bem precioso e inalterável da humanidade” (LEVY, 1945, s.p.). Termina o texto dizendo que para pessoas dessa convicção não havia lugar na Alemanha de Hitler.

Após o texto de Hanna Levy, uma breve biografia apresenta cada artista. As biografias não são assinadas, mas muito provavelmente foram escritas por Hanna Levy, pelo estilo e pelos argumentos usados (KERN, 2016, p. 820). Nelas, se destaca muitas vezes a perseguição sofrida por cada artista durante a ditadura nazista. Por fim, o catálogo apresenta reproduções de 19 obras da exposição.

Um dos objetivos da pesquisa foi a busca por reproduções das obras que foram expostas, bem como informações sobre suas localizações atuais. Das mais de 119 expostas, foi possível encontrar reproduções de 35 obras, conforme lista abaixo⁴.

<p>Ainda sem localização (7)</p>	<p>GOESCH, Paul. <i>Buddha</i>; HIRSCH, Karl Jakob. <i>As Dez Sinfonias de Gustav Mahler</i>; LEHMBRUCK, Wilhelm. <i>Nus</i>; MACKE, August. <i>Cavalheiro no Mato</i> (o catálogo informa que a obra era propriedade do Sr. H. J. Koellreutter); MARC, Franz. <i>A Torre dos Cavalos Azuis</i> (desaparecida desde a Segunda Guerra Mundial); SLEVOGT, Max. <i>Mefisto</i> (o catálogo informa que a obra era propriedade do Sr. Bruno Griesmann); SLEVOGT, Max. <i>Mãe do artista</i> (o catálogo informa que a obra era propriedade do Sr. Bruno Griesmann).</p>
<p>Brasil (2)</p>	<p>MEIDNER, Ludwig. <i>Homem sentado</i> (Coleção Mário de Andrade, IEB/USP); SEGALL, Lasar. <i>Mãe Cabocla</i> (Coleção particular, SP).</p>

<p>Alemanha (9)</p>	<p>CORINTH, Lovis. <i>Sedução</i> (o catálogo informa que a obra era propriedade do Sr. Ludvig Sussel; hoje está localizada no Staatliche Museen, Kassel);</p> <p>JAECKEL, Willy. <i>Retrato da esposa do artista</i> (Kunstmuseum, Hamburgo);</p> <p>KANDINSKY, Wassily. <i>Mundos Pequenos I</i> (Museum of Design, Berlim);</p> <p>KANDINSKY, Wassily. <i>Mundos Pequenos II</i> (Städtische Galerie im Lenbachhaus, Munique);</p> <p>KANDINSKY, Wassily. <i>Mundos Pequenos III</i> (Städtische Galerie im Lenbachhaus, Munique);</p> <p>KANDINSKY, Wassily. <i>Mundos Pequenos VI</i> (Städtische Galerie im Lenbachhaus, Munique);</p> <p>KANDINSKY, Wassily. <i>Mundos Pequenos VII</i> (Städtische Galerie im Lenbachhaus, Munique);</p> <p>KANDINSKY, Wassily. <i>Mundos Pequenos X</i> (Städtische Galerie im Lenbachhaus, Munique);</p> <p>KANDINSKY, Wassily. <i>Mundos Pequenos XI</i> (Städtische Galerie im Lenbachhaus, Munique).</p>
<p>Estados Unidos (17)</p>	<p>BECKMANN, Max. <i>Ano Bom dos Feridos de Guerra</i> (o catálogo informa que a obra era propriedade da Sra. Loeb; hoje está localizada na Young Legion of Honor Fine Arts Museums, São Francisco);</p> <p>CORINTH, Lovis. <i>Paisagem</i> (The Berend Lehmann Museum for Jewish history and culture, Halberstadt);</p> <p>FEININGER, Lyonel. <i>Visão de uma cidade</i>. (LACMA, Los Angeles);</p> <p>GROSSMANN, Rudolf. <i>O jardineiro</i> (MoMA, Nova Iorque);</p> <p>KANDINSKY, Wassily. <i>Mundos Pequenos IV</i> (Norton Simon Museum, Pasadena);</p> <p>KANDINSKY, Wassily. <i>Mundos Pequenos IX</i> (Brooklyn Museum, Nova Iorque);</p> <p>KANDINSKY, Wassily. <i>Mundos Pequenos V</i> (MET e/ou MoMa);</p> <p>KANDINSKY, Wassily. <i>Mundos Pequenos VIII</i> (Dallas Museum of Art, Dallas);</p> <p>KANDINSKY, Wassily. <i>Mundos Pequenos XII</i> (Collection SFMOMA, São Francisco);</p> <p>KLEE, Paul. <i>A Hera</i> (Museum of Fine Arts, Boston);</p> <p>KOLLWITZ, Käthe. <i>Cena Final da Revolução dos Tecedores</i> (Dallas Museum of Art, Dallas);</p> <p>KOLLWITZ, Käthe. <i>Jovem Casal</i> (Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque);</p> <p>LEHMBRUCK, Wilhelm. <i>O Sonho da Mulher</i> (National Gallery of Art, Washington D.C.);</p> <p>LIEBERMANN, Max. <i>O Leitor</i> (MoMA, Nova Iorque);</p> <p>LIEBERMANN, Max. <i>Retrato do Poeta Arno Holz</i> (Harvard Art Museums/Fogg Museum, Cambridge);</p> <p>MEIDNER, Ludwig. <i>Retrato</i> (Milwaukee Art Museum, Milwaukee);</p> <p>NOLDE, Emil. <i>Os Reis Magos</i> (Cincinnati Art Museum, Cincinnati).</p>

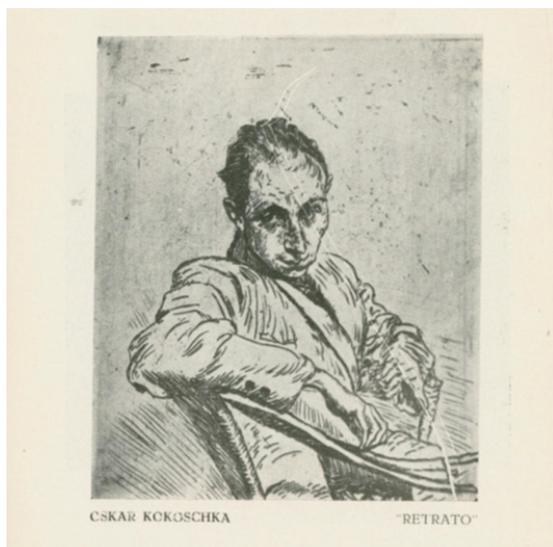


FIGURA 2

Reprodução de página do catálogo da *Exposição de Arte Condenada pelo III Reich*, em que a obra *Homem Sentado*, de Ludwig Meidner (1884–1966), é erroneamente atribuída a Oskar Kokoschka. Atualmente a gravura faz parte do acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP



FIGURA 3

MEIDNER, Ludwig (1884–1966)
Homem sentado, s.d.
 Gravura em metal sobre papel,
 22,6X19,7 cm | Coleção Mário de
 ANDRADE | Coleção de Artes Visuais
 do Instituto de Estudos Brasileiros USP,
 São Paulo, Brasil

Durante a pesquisa, a falta de referências de algum artista, como o russo Wladislaw Eidukiewicz (1894–?), dificultou a busca por reproduções das obras. Também foram encontrados erros de atribuição, como no caso da obra *Retrato/Homem Sentado*, de Ludwig Meidner (1884–1966), atribuída erroneamente a Oskar Kokoschka (1886–1896). No catálogo, algumas obras não estão traduzidas literalmente do título original, por exemplo, *Visão de uma cidade*, de Lyonel Feininger (1871–1956), cujo título original é *Rue St. Jacques Paris*, o que dificultou um pouco a busca. Algumas obras possuem títulos muito vagos, como “composição”, “nu”, “autorretrato”, “paisagem”, o que, sem o auxílio da reprodução do catálogo, dificulta a decisão de qual obra foi de fato exposta, bem como quando o artista trabalhou com o mesmo tema mais de uma vez ou atribuiu títulos semelhantes às obras como, por exemplo, os inúmeros retratos de mães produzidos por Käthe Kollwitz (1867–1945).

Cabe ainda destacar que a exposição foi inaugurada com a conferência do escritor e jornalista Ernst Feder (1881–1964) intitulada *Por que os nazistas desprezam a arte autêntica?*, no dia 10 de abril. Com visitação até o dia 15 de maio de 1945, a exposição encerrou com uma palestra do pintor Tomás Santa Rosa (1909–1956), também militante do Partido Comunista Brasileiro.

APONTAMENTOS SOBRE ALGUNS ARTISTAS

Muitas das obras que fizeram parte da *Exposição de Arte Condenada pelo III Reich*, na Galeria Askanasy, pertenciam a estrangeiros que trouxeram obras consigo e de forma escondida na vinda para o Brasil (KERN, 2016, p. 816). Destacamos três nomes que participaram da exposição. O primeiro deles é Ludwig Meidner (1884–1966). Segundo a pequena

biografia que consta no catálogo da exposição, Meidner iniciou no impressionismo, para em seguida tornar-se um dos representantes característicos do retrato expressionista. Durante a pesquisa, verificou-se que a obra *Retrato/Homem Sentado*, reproduzida no catálogo e atribuída ao artista Oskar Kokoschka é de Ludwig Meidner. Hoje esta gravura em metal, de dimensões 22,6 × 19,7 cm, se encontra na Coleção Mário de Andrade do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (USP).

Outro artista é Wilhelm Wöller (1907–1954). Aquarelista, teve uma exposição fechada pela Gestapo vinte minutos após a inauguração, em 1935. Fugindo do terror nazista, vem para o Brasil em 1939, refugiando-se no Rio de Janeiro.

No dia 29 de abril de 1945, o jornal *Diário de Notícias* publica uma nota sobre o ataque a uma obra de Wilhelm Wöller por jovens simpatizantes do integralismo na *Exposição de Arte Condenada pelo III Reich*. A nota classifica o atentado como uma repetição do que ocorreu em outras exposições de arte moderna nos estados de São Paulo e de Minas Gerais. A tela *Namoro Sentimental* foi danificada com uma lâmina. O fato foi comunicado a polícia por Bruno Kreitner, visto que Miécio Askanasy estava viajando para Teresópolis. De acordo com a reportagem, “as autoridades alegaram que só poderiam tomar providências depois do comparecimento do organizador da galeria na delegacia, recusando-se também a mandar um investigador à exposição constatar o prejuízo” (*Diário de Notícias*, 29/04/1945).

Hanna Levy, em *Aspectos da Arte Contemporânea Alemã*, define Käthe Kollwitz (1867–1945) como “uma artista humaníssima”, que “nunca deixou de lutar, com sua arte, pelos fracos, pelos oprimidos e por todos aqueles que sofrem” (LEVY, 1945, s.p.). De fato, as posições políticas da artista causaram incômodo ao poder imperial da época. Em 1889, ao ser premiada na *Grande Exposição Berlinense de Arte* pela série *A Revolta dos Tecelões* (1897–1898), o

Kaiser Guilherme II, representando à época a reação alemã, recusou-se a conferir-lhe a medalha. Também durante a Alemanha nazista, Käthe Kollwitz foi proibida de trabalhar e foi vítima de uma sindicância rigorosa da Gestapo a cada quinze dias.

No catálogo consta que Käthe Kollwitz faleceu cerca de seis meses antes da abertura da exposição na Galeria Askanasy, o que difere das informações obtidas em outros meios, em que o falecimento da artista data de 22 de abril de 1945. Em todo caso, Kollwitz teve 13 gravuras exibidas na exposição, representando mulheres, trabalhadores e a si mesma em autorretratos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hanna Levy, Miécio Askanasy e Bruno Kreitner encontraram no Brasil não somente um local de refúgio durante a Segunda Guerra Mundial, mas também um espaço de desenvolvimento e contribuição intelectual. Aqui, mesmo com as restrições e intimidações (seja, no caso de Hanna Levy, para entrar no país durante o Estado Novo devido à circular secreta 1127, seja durante a exposição com o ataque integralista a uma obra), contribuíram para o fomento das discussões sobre arte moderna no país.

As obras que fizeram parte da exposição, levantadas até o momento, carecem de uma análise qualitativa mais apurada. Também as relações entre Hanna Levy e um possível vínculo com o Partido Comunista Brasileiro, um dos incentivadores da arte moderna no Brasil, é algo que merece maior atenção.

REFERÊNCIAS

EXPOSIÇÃO DE ARTE CONDENADA PELO III REICH. Catálogo. Rio de Janeiro: Galeria Askanasy, 1945.

HEMEROTECA DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso entre os meses de agosto e dezembro de 2015.

KERN, Daniela. *Hanna Levy Deinhard depois de Heinrich Wölfflin: do formalismo à sociologia da arte*. Anais do 7º. Seminário Brasileiro de História da Historiografia – Teoria da história e história da historiografia: diálogos Brasil-Alemanha. Ouro Preto: EdUFOP, 2013.

KERN, Daniela. *Hanna Levy e a Exposição de Arte Condenada pelo III Reich (1945)*. In: XXV Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Artes Plásticas, 2016, Porto Alegre. Anais do XXV Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas [recurso eletrônico]; Compartilhamentos na arte: redes e conexões. Porto Alegre: ANPAP, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016. v. 1. p. 813-826.

LEVY, Hanna. *Alguns Aspectos da Arte Contemporânea Alemã*. Catálogo da Exposição de Arte Condenada pelo III Reich. Rio de Janeiro: Galeria Askanasy, 1945.

LEVY, Hanna. *A propósito de três teorias sobre o barroco*. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional n. 5. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, p. 259-284, 1941.

LEVY, Hanna. *Modelos europeus na pintura colonial*. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional n. 8. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, p. 7-66, 1944.

MEIDNER, Ludwig (1884–1966). *Homem sentado*, s.d. Gravura em metal sobre papel. 22,6 cm x 19,7 cm. Coleção Mário de Andrade. Instituto de Estudos Brasileiros. Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/fichaDocumentoCAV.asp?Documento_Codigo=2793&Acervo_Nome=&Acervo_Codigo=>. Acesso em: 11 NOV. 2015

NAKAMUTA, Adriana Sanajotti (org.). *Hanna Levy no SPHAN: história da arte e patrimônio*. Rio de Janeiro: IPHAN/DAF/Copedoc, 2010. (Série Pesquisa e Documentação do IPHAN, 5).